

Mudança construcional e construcionalização em estruturas do tipo *na hora (em) que + oração*¹

Constructional change and constructionalization in structures such as *na hora (em) que + clause*

Edvaldo Balduino Bispo*
edbbispo@gmail.com
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Beatriz de Lucena Moreira**
beatriz.moreira@ifrn.edu.br
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

RESUMO: Neste artigo, focalizamos elementos de valor temporal do tipo *no/a tempo/momento/dia/hora/ocasião (em) que* seguidos de oração, tomando-os como instâncias de uma construção. Objetivamos identificar formas de codificação dessa construção, a relação entre forma e função bem como o processo de mudança linguística envolvido nos padrões subsquemáticos licenciados por essa construção. Para tanto, buscamos suporte na Linguística Funcional Centrada no Uso e na Gramática de Construções, esta última particularmente quanto à mudança construcional e à construcionalização (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Os dados empíricos provêm de duas fontes: o *corpus* do Projeto História do Português Brasileiro e o *corpus* Discurso & Gramática. Os achados da pesquisa apontam para a atuação dos dois tipos de mudança aqui considerados: mudança construcional e construcionalização.

PALAVRAS-CHAVE: Construção temporal. Mudança construcional. Construcionalização.

ABSTRACT: In this paper, we focus on time expressions such as *no/a tempo/momento/dia/hora/ocasião* followed by a clause, taken as instances of a construction. We aim at identifying ways of encoding this construction, the relation between form and function as well as the process of linguistic change involved in the subschematic patterns licensed by this construction. To this end, we base on Linguística Funcional Centrada no Uso and Construction Grammar, in particular with reference to constructional change and constructionalization. The empirical data come from two sources: the corpus of Projeto História do Português Brasileiro and the corpus Discurso & Gramática. The research findings point to the action of the two types of change considered here: constructional change and constructionalization.

KEY-WORDS: Construction of time. Constructional change. Constructionalization.

¹ Este texto representa desdobramento da dissertação de mestrado intitulada *A construção temporal [X_{TEMP} + (EM) + QUE + O] no português brasileiro*, de Beatriz de Lucena Moreira, defendida em 2016.

* Doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, professor dessa mesma instituição no Departamento de Letras e Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem.

** Mestra em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e Secretária Executiva do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte.

Introdução

Elementos de natureza temporal têm despertado o interesse de diferentes estudiosos. É o caso, por exemplo, de Martelotta (1993), que investiga os circunstanciadores temporais e sua ordenação na oração; e de Ilogti de Sá (2015), que estuda a ordenação dos circunstanciadores temporais e aspectuais no português e no francês, fazendo uma análise comparativa entre eles.

Também têm recebido atenção de pesquisadores expressões temporais como *no(a) momento/dia/hora (em) que*, seguidas de oração que especifica o núcleo nominal dessas expressões, como ocorre em (1) e (2).

- (1) O ataúde do querido Nabuco era conduzido por uma turma de subordinados de s.s. que estava presente e os commandava trajando os distinctivos de seu posto. Não é crível, pois, que sem quebra de disciplina, esses guardas agissem de qualquer modo sem ordem de seu commandante ali presente. Portanto, se **no momento em que o povo ouvia religiosamente a brilhante oração do illmodr.Chacon**, os guardas retiraram o ataúde da carreta para fazei-o baixar a sepultura, isto fizeram, por ordem de seu commandante; e se para fazer este trabalho elles tiveram que empurrar o povo, essa balburdia e esse recuo forçados são a consequencia das ordens de s. s. dadas em in[[o]]oportuno momento. (*Corpus PHPB*, carta do leitor, Rio de Janeiro, século XX)
- (2) Tenho tido muita occupação depois da Instalacção da comarca; o juis de Direito apezar de não sympathizar com elle **nos dias que chegou**, todavia, tem me tratado muito bem, e me offerecido até 30 dias para eu passar endependente de licença [...]. (*Corpus PHPB*, carta do particular, Bahia, século XIX)

Pereira e Paiva (2008) focalizam o estudo de construções² formadas por *tempo*, *dia* e *época*. Elas atribuem uma leitura ambígua a essas estruturas, analisando-as ou como nome seguido de oração encaixada³ adjetiva ou como oração temporal hipotática⁴ introduzida por locução conjuntiva temporal. Nessa perspectiva, nas estruturas *no momento em que*, em (1), e *no dia que*, em (2), *tempo* e *dia* podem ser interpretados como nomes que expressam temporalidade e que são

² As autoras usam o termo “construção” equivalendo ao agrupamento sintático de elementos.

³ Entendemos por oração encaixada a oração que funciona como um grupo ou parte de um grupo, desempenhando funções de núcleo de um grupo nominal, de pós-modificadora num grupo nominal e de pós-modificadora num grupo adverbial (HALLIDAY, 1994).

⁴ Segundo Hopper e Traugott (1993), na hipotaxe, há uma interdependência entre as orações, que são definidas como núcleo e margem. Integram esse grupo as orações adverbiais e as relativas apositivas.

modificados, respectivamente, pelas orações *em que o povo ouvia religiosamente a brilhante oração do illmodr.Chacon e que chegou*. Por outro lado, *no momento em que e no dia que* também podem ser interpretados como locuções conjuntivas temporais a que se associam orações satélites (*o povo ouvia religiosamente a brilhante oração do illmodr.Chacon e chegou*, respectivamente).

Longhin-Thomazi (2011), por sua vez, investiga, mais especificamente, a construção⁵ *(na) hora que*, propondo que se trata de um nome em contexto de sintagma preposicional modificado por uma oração relativa cujo elemento introdutor (*que*, no caso) é reanalisado como juntor, o qual mobiliza um esquema hipotático.

Também estudando o mesmo objeto, Garcia (2017) analisa as formas de *na hora que* sob o viés da sociolinguística variacionista e da abordagem cognitivo-funcional, buscando compreender se as formas da construção são variantes ou se são apenas diferentes formas de uma mesma construção. Segundo o autor, os resultados mostraram que não há diferenças sociolinguísticas marcadas na comunidade considerada, mas há indícios de que as formas (mais e menos reduzidas) são microconstruções em mudança gradual rumo a uma construção mais ampla, possivelmente formada por N + *que*.

Focalizando estruturas do tipo *no(a) dia/momento/hora (em) que*, seguidas de oração, neste artigo, contudo, não adotamos, tal qual os autores referidos, a abordagem teórica de mudança via gramaticalização ou da variação sob a perspectiva da sociolinguística variacionista. Compreendemos a mudança das estruturas linguísticas com base em Croft (2000) e Bybee (2006), ou seja, como processo gradual, relacionado a padrões de uso que modelam a representação gramatical. Particularmente, contemplamos instâncias de uso desses elementos sob o viés da mudança construcional e da construcionalização, conforme tratado em Traugott e Trousdale (2013) na linha do que foi discutido em Moreira (2016).

Três objetivos norteiam este estudo: i) identificar propriedades formais e funcionais das estruturas foco da pesquisa, tomando-as como instâncias de uma construção; ii) mapear e descrever as formas de codificação dessa construção; iii) verificar se os padrões sancionados pela construção em análise revelam caso de mudança construcional e/ou de construcionalização. Partimos da hipótese geral de que as estruturas em que a preposição *em* não aparece antes de *que* (*no/a*, até *o/a*

⁵ Longhin-Thomazi (2011) também faz uso do termo *construção* como um agrupamento sintático de elementos.

dia/momento/hora *que* + oração) derivam, por mudança construcional, daquelas em que essa preposição é empregada (no/a dia/momento/hora *em que* + oração).

O material empírico para análise foi coletado de textos escritos do português dos séculos XIX e XX, advindos do *corpus* mínimo do Projeto História do Português Brasileiro (PHPB). A amostra utilizada compõe-se de cartas do leitor, editoriais e cartas particulares produzidas em diferentes estados brasileiros, totalizando 1.091 páginas, assim distribuídas: 272 e 268, referentes à primeira e segunda metades do século XIX; 268 e 273 relativas à primeira e segunda metades do século XX. Também utilizamos dados do português contemporâneo coletados no *corpus* Discurso & Gramática (doravante *D&G*), constituído de textos orais e escritos produzidos por informantes das cidades do Rio de Janeiro e de Natal, contemplando as seguintes configurações textuais: narrativa recontada, narrativa de experiência pessoal, relato de procedimento, relato de opinião e descrição de local. Foram 480 textos, sendo metade na modalidade falada e a outra metade na escrita.

Em termos de organização, este artigo possui cinco seções, além desta introdução e das considerações finais. Na primeira delas, apresentamos as bases teóricas que sustentam a discussão aqui empreendida; na segunda, caracterizamos processos de mudança linguística; na terceira seção, mostramos e comentamos os dados da pesquisa; na penúltima seção, consideramos o pareamento forma-função nos elementos foco desta pesquisa; na quinta seção, discutimos processos de mudança construcional e construcionalização envolvendo nosso objeto de estudo; por fim, fazemos as considerações finais.

1 Linguística Funcional Centrada no Uso

A Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) é uma tendência funcionalista de pesquisa linguística adotada por pesquisadores do Grupo de Estudos *Discurso & Gramática*. Representa desdobramento do que Matelotta (2011) denominou Linguística Centrada no Uso. A LFCU reúne contribuições de duas tradições teóricas: a Linguística Funcional norte-americana e a Linguística Cognitiva.

Um dos postulados básicos da LFCU, conforme destacam Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013), é o fato de que a estrutura da língua emerge à medida em que é usada (BARLOW; KEMMER, 2000; BYBEE, 2010). Desse modo, a teoria busca descrever e explicar os fatos linguísticos com base nas funções (semântico-

cognitivas e discursivo-pragmáticas) que desempenham nos diversos contextos de uso da língua, integrando sincronia e diacronia (BYBEE, 2010).

As funções da língua têm papel fundamental na descrição de suas formas, de modo que cada entidade linguística se define em relação ao papel que desempenha nos processos reais de comunicação (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013). Por isso, segundo esses autores, a LFCU procura trabalhar com dados reais de fala e/ou de escrita, inseridos em contextos efetivos de comunicação, evitando lidar com frases criadas.

Para essa perspectiva teórica, as categorias linguísticas se comportam de modo semelhante a categorias conceituais humanas (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013). Assim, segundo os autores, as estruturas linguísticas são concebidas como esquemas cognitivos do mesmo tipo que encontramos em outras habilidades não linguísticas, ou seja, como procedimentos relativamente automatizados que se utilizam para realizar coisas comunicativamente. Destaca-se que é a frequência de uso de determinada construção que leva a seu estabelecimento no repertório do falante e faz dela uma unidade de processamento.

A universalidade dos usos a que a linguagem serve, nas sociedades humanas, explica a existência de propriedades que se manifestam na maioria das línguas – os universais linguísticos (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013). Esses universais relacionam-se ao modo como os seres humanos conceptualizam o mundo a sua volta. De acordo com Tomasello (2003), é em decorrência dos universais linguísticos que os seres humanos de diferentes culturas, histórias e etnias desenvolvem as mesmas ferramentas básicas para cumprir tarefas comunicativas, tais como símbolos, marcadores desses símbolos, padrões de linearização e padrões prosódicos.

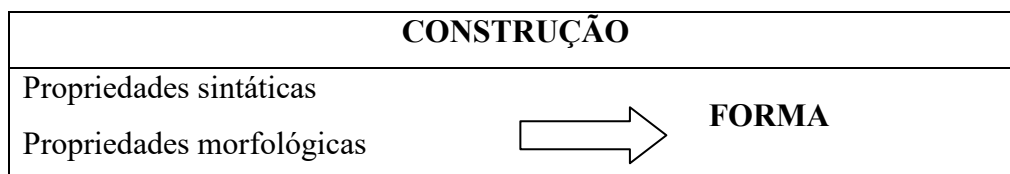
Do ponto de vista metodológico, a tendência principal da LFCU é observar a língua do ponto de vista do contexto linguístico e da situação extralinguística. Para essa vertente teórica, a sintaxe é entendida como estrutura em constante mutação devido às vicissitudes do discurso. Isso quer dizer que a constituição da gramática de uma língua natural e seus processos de mudança ao longo do tempo só podem ser estudados considerando-se os contextos de interação discursiva em que a língua é utilizada para fins comunicativos diversos, bem como todas as implicações sociocognitivas e discursivo-pragmáticas envolvidas.

No que concerne à trajetória de mudança dos fenômenos linguísticos ao longo do tempo, a LFCU adota uma concepção pancrônica de análise, transpondo as barreiras da dicotomia saussureana sincronia x diacronia. Assim, as pesquisas linguísticas funcionalistas centradas no uso estudam a língua tanto com base na descrição de seus fatos em determinado momento do tempo quanto a partir da análise da mudança desses fatos ao longo do tempo. Essa abordagem pancrônica permite, desse modo, um estudo mais abrangente do fenômeno sob análise. Na próxima seção, tratamos de processos de mudança linguística com base em Traugott e Trousdale (2013).

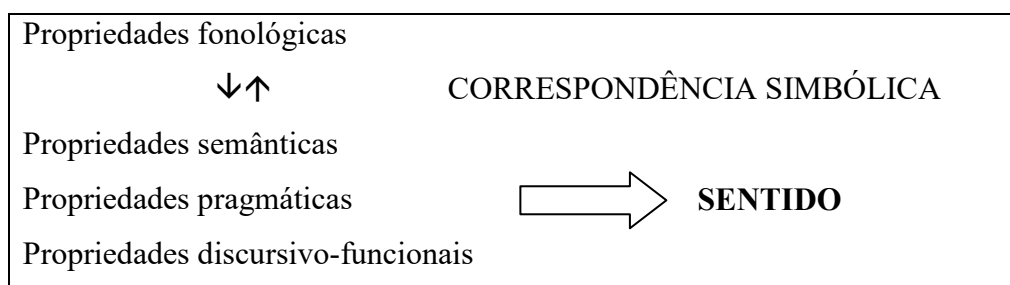
2 Construção, mudança construcional e construcionalização

Conceito caro à LFCU e, particularmente, à Gramática de Construções (GC), o termo *construção* refere-se ao pareamento convencional de forma e função entre elementos da língua (GOLDBERG, 1995; 2006). Segundo a autora, em termos de sentido, construções de estrutura argumental representam cenas básicas da experiência humana, como alguém transferindo algo a alguém, alguém fazendo algo mover-se, alguém modificando o estado de algo, algo se movendo, alguém experienciando algo etc. Já em termos formais, uma construção pode ter qualquer tamanho, indo desde sentenças complexas, como o provérbio *água mole em pedra dura tanto bate até que fura*, até afixos flexionais, como a marcação de afixo *re* como um prefixo no verbo “ressurgir”.

Croft (2001) propõe uma arquitetura geral para a construção como unidade simbólica a partir do pareamento forma-função⁶ (figura 1): a forma - associada a propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas - estaria relacionada ao significado por meio de um *link* de correspondência; o significado, por sua vez, se associaria a aspectos semânticos, pragmáticos e discursivo-funcionais.



⁶ Usamos *função* como equivalente a *meaning* (significado) em Croft (2001). A opção por esse termo se deve à tradição funcionalista aqui adotada. Eventualmente, porém, por conveniência, utilizamos o termo *significado*.



Esquema 1: Modelo de arquitetura construcional adaptado de Croft (2001, p. 18)

A construção é caracterizada por um conjunto de três propriedades, a saber: esquematicidade, composicionalidade e produtividade. Trata-se de propriedades que se definem pela gradiência, o que nos leva a admitir a existência de construções menos ou mais esquemáticas, menos ou mais composicionais, menos ou mais produtivas (GOLDBERG, 1995; TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013).

No que diz respeito à mudança linguística, para a GC, ela começa com o surgimento de uma nova representação na mente do falante da língua. Essa representação decorre da modificação de um elemento de uma construção pré-existente.

Traugott e Trousdale (2013) distinguem dois tipos de mudança: a mudança construcional e a construcionalização. Para os autores, mudança construcional é entendida como a mudança que afeta uma dimensão interna de uma construção, não envolvendo a criação de uma nova construção. Conforme esse entendimento, há mudança construcional quando ocorre alteração na forma ou no conteúdo de uma construção.

Os autores apresentam como exemplo de mudança construcional no polo da forma a alteração morfofonológica ocorrida com o marcador de futuro *will*, que passou à forma reduzida *'ll*. A mudança no polo do conteúdo é ilustrada com dois exemplos: a construção com *will*, na qual esse elemento passou da ideia de intenção para a de tempo futuro; a construção com *way*, que, a princípio, incluía apenas verbos de movimento para criação de um caminho (*make, dig, belch*, por exemplo) e, posteriormente, passou a recrutar verbos de outras categorias semânticas (entre eles, *whistle, roll, eat*). No caso da redução de *will* (*'ll*), a mudança atinge apenas a forma, não afetando o significado; nas demais situações ilustradas, a mudança se verifica no conteúdo, não implicando diferença formal. Assim, segundo os autores,

em ambos os casos, não há criação de um novo nó na rede⁷ construcional, ou seja, não há criação de novas construções.

Construcionalização é definida em Traugott e Trousdale (2013) como a criação de um novo pareamento forma-função⁸ – ou seja, uma nova construção –, constituindo um novo nó na rede. Esse processo envolve mudanças no grau de esquematicidade, de produtividade e de composicionalidade e resulta sempre da sucessão de micropassos, o que implica gradualidade.

Como exemplo de construcionalização, Traugott e Trousdale apresentam o caso de *a lot of + N*, em que o primeiro elemento passou de partitivo para quantificador. Conforme os autores, nesse processo, a mudança afetou tanto a forma quanto a função: a primeira porque houve um rearranjo sintático entre N_1 (*lot*) e N_2 (de $[a\ lot] + [of\ N]$ para $[a\ lot\ of] + [N]$); a segunda porque ocorreu mudança no significado de N_1 (de quantificador para intensificador).

3 Usos de elementos temporais do tipo *na hora (em) que + oração nos corpora*

No banco de dados do PHPB, identificamos 94 ocorrências da construção em foco enquanto no *D&G* encontramos 77 instanciações. As ocorrências foram organizadas, no caso do PHPB, de acordo com as variáveis gênero textual, período histórico e presença ou não de preposição *em* antes do *que*. No caso do *Discurso & Gramática*, os dados foram tabulados conforme a modalidade da língua (falada ou escrita) e também considerando os mesmos fatores utilizados para o *corpus* do PHPB (configuração tipológica dos textos, presença ou não de *em* antes de *que*). As tabelas 1 e 2 sintetizam os quantitativos.

Sincronia Gênero textual	Padrão estrutural	1801- 1850	1851-1900	1901-1950	1951-2000
Carta do leitor	[SP _{TEMP} + EM + QUE + O]	7	7	3	9
	[SP _{TEMP} + QUE + O]	6	8	3	2
Carta do editor	[SP _{TEMP} + EM + QUE + O]	3	6	1	2
	[SP _{TEMP} + QUE + O]	3	3	-	1
Carta	[SP _{TEMP} + EM + QUE + O]	1	6	9	3

⁷ Para a GC, a língua é formada por um conjunto de construções interconectadas entre si formando uma rede composta de vários nós. Cada nó representa uma construção.

⁸ O termo *função* é aqui empregado como equivalente a *significado*, conforme Croft (2001), que inclui os planos semântico, discursivo e pragmático.

particular	[SP _{TEMP} + QUE + O]	1	2	6	1
Total	[SP _{TEMP} + EM + QUE + O]	11	19	13	14
	[SP _{TEMP} + QUE + O]	10	13	9	4

Tabela 1: Ocorrências da construção em estudo no PHPB por padrão estrutural e período histórico

	[SP _{TEMP} + EM + QUE + O]	[SP _{TEMP} + QUE + O]	Total
Língua escrita	10 (91%)	01 (9%)	11 (100%)
Língua falada	02 (3%)	64 (97%)	66 (100%)

Tabela 2: Ocorrências da construção em estudo no D&G por modalidade e padrão estrutural

As instâncias de uso das estruturas sob exame revelaram um padrão macroestrutural, que pode ser representado por [SP_{TEMP} + (EM) + QUE + O], em que SP_{TEMP} representa elemento de valor temporal, a exemplo de *n(o,a) dia/hora/momento/tempo, desde/durante o tempo/momento*, e O uma oração vinculada a essa estrutura. Como é possível verificar nas tabelas 1 e 2, desse padrão geral, são depreendidas duas estruturas subesquemáticas, a depender da presença ou não de *em*: [SP_{TEMP} + EM + QUE + O] e [SP_{TEMP} + QUE + O]. Dessas últimas é possível depreender microestruturas subespecificadas, as microconstruções, identificadas com base nos elementos que ocupam o núcleo nominal dentro do SP (*dia, hora, momento, instante* etc.) e do tipo de preposição que encabeça o SP (*em, desde, durante, a*). As ocorrências (3) a (6) ilustram instanciações dos subesquemas e de três microconstruções.

- (3) Queira Vossa mercê Aceitar os parabens que por meio de sua folha dou aos Guardas Nacionaes do Recife em consequencia de já se achar criado o Conselho de Disciplina, ainda que ignoramos quando principiarão os seus trabalhos, no entretanto o Senhor N. Zangado deve ter a gloria de ter motivado esta execução da Ley; aproveito esta ocasião para em duas palavras responder ao seu anuncio do Diario d'hoje a respeito do Senhor Breck-mesfreg, que com toda a sua dignidade não pôde deixar de mentir **no momento em que lhe deu a satisfação de não Ter visto o autografo da sua mão** visto que o contrario disse a pessoas muito capazes as quaes se for preciso aparecerão ao publico. Seu venerado O Nacional Moderado. (*Corpus* PHPB, carta do leitor, Pernambuco, século XIX)
- (4) [...] refiro-me ao sympathico e illustrado *senhor doutor* José Marianno Carneiro da Cunha, parente do celebre patriota pernambucano Pedro Ivo e outros. Ha dez annos que este illustrado orador trabalha a favou do partido liberal, defendendo os seus principios e convicções não só na *Provincia*, jornal de que é proprietario | e redactor, como nos comicios populares. Em 16 de maio de 1872, o partido conservador pernambucano tentou assassinal-o **na ocasião em que elle fazia um meeting contra os jesuitas**; e, o então presidente da provincia de Pernambuco, desembargador Lucena, mandou espadeirar o povo ficando o *senhor*

doutor José Marianno, bastante ferido. (*Corpus* PHPB, carta do leitor, Rio de Janeiro, século XIX)

- (5) ...a única coisa que ele queria era procurar ... aí foi na casa dela ... mas o engraçado ... o estilo que ele foi né? porque **durante o tempo que eles estavam juntos** ... ela era muito sonhadora ... aí dizia pra ele que queria ... que um príncipe ... um príncipe encantado ... viesse buscar ela num cavalo branco e com uma espada ... então ... quando ele tava sozinho com ela ... lembrando das coisas que ele tinha passado ... aí lembrou dessa parte ... (*corpus* D&G, língua falada, narrativa recontada)
- (6) ... todo mundo pertinho da caixa de som... ninguém entendia nada do que eu falava... aí... fui falando... falando... **até a hora que eu não agüentei mais falar**... aí passei pra outra pessoa... (*corpus* D&G língua falada, narrativa de experiência pessoal)

Como é possível observar, em (3) e (4), temos ocorrências do esquema [SP_{TEMP} + EM + QUE + O] ao passo que (5) e (6) trazem instâncias de [SP_{TEMP} + QUE + O]. Cada um dos dados representa, por sua vez, microconstruções distintas, conforme a preposição núcleo do SP e o item lexical presente nesse sintagma, de modo que temos as seguintes configurações: [EM + O MOMENTO + EM + QUE + O], [EM + A OCASIÃO + EM + QUE + O], [DURANTE + O TEMPO + QUE + O] e [ATÉ + A HORA + QUE + O], respectivamente.

Considerando a frequência dos padrões subesquemáticos no *corpus* do PHPB, os dados mostram que, em todas as sincronias, os quantitativos de [SP_{TEMP} + EM + QUE + O] são maiores que [SP_{TEMP} + QUE + O]. Essa realidade provavelmente se deve à modalidade dos textos, no caso, a escrita, a qual envolve uso mais monitorado da língua.

Quanto ao D&G, nos textos de língua escrita, quase todas as ocorrências apresentam preposição *em* antes do *que*. Já na modalidade falada, constatamos o inverso: uso quase categórico de [SP_{TEMP} + QUE + O]. Isso mostra que a modalidade escrita da língua parece favorecer a escolha do padrão com *em* antes do *que* no *corpus* sincrônico utilizado, corroborando a tendência de uso verificada nas cartas do PHPB. Esse favorecimento pode estar relacionado à própria natureza do texto escrito, já que ele é produzido em um momento e espaço distintos da recepção e envolve maior cuidado em sua elaboração e organização, o que implica, entre outras coisas, maior monitoramento no uso da língua.

Em contrapartida, na língua falada, o favorecimento passa a ser o do padrão sem a preposição antes do *que*, o que também pode ser relacionado à natureza dos

textos produzidos na língua falada, em termos de serem marcados por maior informalidade e envolvimento entre os participantes. O discurso, nesse sentido, é menos elaborado e mais simples do ponto de vista formal, favorecendo o uso de estruturas como [SP_{TEMP} + QUE + O].

4 Pareamento forma-função com estruturas do tipo *na hora (em) que + oração*

Em termos estruturais, a construção [SP_{TEMP} + (EM) + QUE + O] constitui-se, internamente, de um elemento de valor temporal (SP_{TEMP}), introduzido por uma preposição (*em, durante, até...*) mais um núcleo nominal de valor temporal (*dia, hora, momento, ocasião etc.*), seguido de *que*, precedido ou não da preposição *em*, além de uma oração O, podendo esta ter comportamento sintático duplo, de oração encaixada ou de oração hipotática. Assim, como discutimos na seção anterior, encontramos, em função da presença ou não de *em* antes de *que*, os subesquemas [SP_{TEMP} + EM + QUE + O] e [SP_{TEMP} + QUE + O].

Do ponto de vista funcional, a construção [SP_{TEMP} + (EM) + QUE + O] atua semanticamente na expressão de tempo, sobretudo por meio dos itens lexicais que figuram no núcleo nominal de SP_{TEMP}, tais como *dia, hora, mês, semana*. Pragmaticamente, essa construção localiza, no tempo, um evento ou estado de coisas designado na oração matriz. É o que podemos verificar em (7).

- (7) Em alguns momentos, o vigia da clínica, José, me auxília ou então faz alguma coisa no meu lugar **nos momentos em que eu não posso me ausentar do meu trabalho**, então ele vai em bancos e entregar contas médicas no meu lugar. (*Corpus D&G*, relato de procedimento, língua escrita)

Nessa ocorrência, a estrutura *nos momentos em que eu não posso me ausentar do meu trabalho* situa no tempo a ação expressa na oração matriz (*faz alguma coisa no meu lugar*), isto é, o vigia José parece ajudar o falante nesses momentos particulares em que não pode sair do trabalho.

Em relação aos itens lexicais mais frequentes no preenchimento do slot SP_{TEMP} nos *corpora*, estes foram *tempo, dia, momento e hora*. É possível dividi-los em dois grupos distintos, segundo critérios propostos por Pereira e Paiva (2008), em função da objetividade ou não com que podem ser mensurados. O primeiro grupo –

dia e *hora* – denota unidades de tempo estabelecidas, no geral, de forma mais concreta, visto que tendem a referenciar segmentos mais pontuais de tempo: um dia tem 24 horas e, uma hora, 60 minutos. Em contrapartida, o segundo grupo – *momento* e *tempo* – não delimita uma extensão temporal precisa, implicando noções mais vagas de tempo. O que observamos nas ocorrências da construção em estudo neste trabalho é uma tendência à perda de especificidade semântica do núcleo nominal do SP_{TEMP}, que deixa de designar duração específica de tempo e passa a corresponder a noções mais gerais de tempo. Tomemos a amostra (8) para análise.

- (8) ... no caso ... tão procurando a Assembléia de Deus ... porque é a única que diz que **na hora que você se arrepende de seus pecados** ... você passa a ser bom ... automaticamente ... (*Corpus D&G*, língua falada, relato de opinião)

No trecho em destaque, o falante refere-se ao momento no tempo em que alguém se arrepende dos pecados fazendo uso de *na hora que*. O item *hora*, nesse contexto linguístico, não parece fazer referência a uma duração específica de 60 minutos, correspondendo, na verdade, a um ponto não especificado no tempo em que o arrependimento pelos pecados se dá.

Ainda que a construção [SP_{TEMP} + (EM) + QUE + O] seja caracterizada por propriedades comuns a todas as suas formas de realização, há algumas especificidades formais e semântico-discursivas a serem consideradas na análise dos dois subesquemas que ela licencia, distintos pela presença ou ausência de preposição *em* antes do *que*.

Do ponto de vista estrutural, o subesquema [SP_{TEMP} + EM + QUE + O] compõe-se de um sintagma de valor temporal (SP_{TEMP}), introduzido por uma preposição (*em, durante, até...*) mais um núcleo nominal de valor temporal (*dia, hora, momento, ocasião* etc.), seguido da preposição *em*, mais *que*, acompanhado de uma oração com valor restritivo. Nesse contexto, o *que* normalmente é interpretado como pronome relativo, sendo a oração que o segue de natureza adjetiva, no caso, restritiva (PEREIRA; PAIVA, 2008; BECHARA, 2009).

Em termos funcionais, em [SP_{TEMP} + EM + QUE + O] temos um nome usado com valor de tempo genérico, cujo sentido é especificado/delimitado por uma oração restritiva. Assim, o uso dessa construção atenderia ao propósito comunicativo de

situar, no tempo e de forma mais precisa, um evento ou estado de coisas, conforme podemos constatar em (9) a seguir.

- (9) **A partir do momento em que eu amplio um determinado desenho** eu consigo repeti-lo varias vezes sem dificuldade. (*corpus* D&G, língua falada, relato de procedimento)

No trecho em destaque, temos um elemento de valor temporal genérico (*momento*), o qual é retomado pelo relativo *que*, estando este precedido da preposição *em*. Essa preposição indicia a função sintática do pronome relativo (no caso, adjunto adverbial). A acepção genérica de *momento* é restringida pela oração *em que eu amplio um determinado desenho*.

Quanto ao subesquema [SP_{TEMP} + QUE + O], ele também é constituído, formalmente, de um núcleo temporal de valor genérico em SP_{TEMP}, seguido de *que* e de uma oração O. Diferentemente do subesquema visto anteriormente, no entanto, aqui o *que* perde suas propriedades pronominais (o caráter anafórico, especificamente) e tende a se esvaziar semanticamente, formando com o SP_{TEMP} um bloco semântico-sintático com valor de tempo. O núcleo nominal do SP_{TEMP} também perde suas propriedades semânticas específicas, passando a explicitar, em conjunto com o *que*, uma relação de tempo mais geral entre dois eventos ou estados de coisas. Em relação à oração O, esta se relaciona hipotaticamente a uma oração matriz. Do ponto de vista textual-discursivo, o conjunto formado de SP_{TEMP} + *que* parece constituir uma espécie de conector oracional com valor de tempo, o qual liga O a uma oração matriz. Consideremos (8), retomado a seguir, para fins de ilustração.

- (8) ... no caso ... tão procurando a Assembléia de Deus ... porque é a única que diz que **na hora que você se arrepende de seus pecados** ... você passa a ser bom ... automaticamente ... (*corpus* D&G língua falada, relato de opinião)

No trecho em destaque, é possível a interpretação de que o SP_{TEMP} (*na hora*) e o *que* formam um bloco semântico-sintático único, o qual relaciona temporalmente a oração *você se arrepende de seus pecados* à oração *você passa a ser bom... automaticamente*. Assim, o conjunto *na hora que* pode ser entendido como uma locução conjuntiva temporal, podendo, inclusive, ser substituída pelo conector

quando. Como consequência da fixação da estrutura *na hora que* como elemento conjuntivo, o significado particular do termo *hora*, relativo a 60 minutos, parece enfraquecer. De fato, na ocorrência em (8), conforme já expusemos, não se faz alusão a uma hora específica do dia em que alguém se arrepende dos pecados, mas a qualquer momento no tempo em que isso pode acontecer.

5 Mudança linguística na construção em estudo

Conforme aventado na seção anterior com relação ao cotejo entre os subesquemas [SP_{TEMP} + EM + QUE + O] e [SP_{TEMP} + QUE + O], há possibilidade de, no segundo caso, [SP_{TEMP}] e [QUE] serem vistos como constituintes de uma só unidade semântico-sintática. Essa possibilidade se deve ao fato de esses elementos coocorrerem de forma sequenciada com determinada frequência, formando verdadeiros *chunks*.

Com o aumento na frequência de uso, estruturas como *no(a) tempo/momento/dia/hora/dia que, ao mesmo tempo que*, entre outras, cristalizam-se como elementos de conexão oracional, passando a ser armazenados na memória do falante como uma só unidade de processamento. Uma vez armazenadas, passam a ser acessadas dessa forma. Vejamos a ocorrência em (10).

- (10) ... ele é que vai ... entregar conta ... ele que vai também ... pode fazer isso ... porque às vezes eu tô ... tem muitos pacientes ... **no dia que tem muitos pacientes** ... eu não posso me ausentar ... da clínica ... porque de repente uma pessoa ... que tá marcada ... (*Corpus D&G*, língua falada, relato de procedimento)

Nessa amostra, o trecho em negrito circunscreve temporalmente a oração *eu não posso me ausentar... da clínica*. O conjunto *no dia que* parece funcionar como elemento que articula a informação contida em *tem muitos pacientes* com o conteúdo da oração seguinte. Os termos *no dia* e *que*, nesse contexto, são tomados como um só bloco, formando uma unidade de forma e sentido.

Uma vez automatizada a combinação de SP_{TEMP} e *que*, aumenta a contiguidade e interdependência entre esses elementos, que se tornam cada vez mais integrados (PEREIRA; PAIVA, 2008). Isso parece resultar em um apagamento das fronteiras sintagmáticas entre o nome de valor temporal e o *que*, que são reorganizados e reinterpretados como pertencentes a um bloco morfossintático

único (tornam-se um conector oracional). Em outras palavras, ocorre neanálise desses elementos: deixam de integrar unidades sintáticas distintas (oração matriz e adjetiva restritiva) e passam a funcionar como uma espécie de conector de valor temporal dentro de uma mesma oração, a qual passa a funcionar como satélite de outra.

Esse processo de neanálise parece ser motivado por inferenciação pragmática⁹, no sentido de que o uso da estrutura sem preposição se dá em função de uma espécie de negociação de sentido entre falante e ouvinte, de modo que é possível a este último perceber o valor temporal da estrutura pelo elemento nominal presente em SP_{TEMP}, não havendo necessidade de redundância na marcação dessa ideia com o uso de *em* antes do *que*.

As expressões então neanalisadas passam a exibir a mesma configuração sintática de conectores temporais como *logo que*, *assim que*, *sempre que*, *depois que*, conforme observaram Pereira e Paiva (2008). Nesse processo, o sentido do elemento nominal núcleo de SP_{TEMP} distancia-se da noção de tempo determinado, ressemantizando-se, passando a indicar um traço mais geral de tempo. Além disso, o *que* perde suas propriedades pronominais, particularmente de correferência, passando a integrar, juntamente com o SP_{TEMP}, um elemento de conexão oracional. É o que podemos observar em (11).

- (11) ... aí eu... caí na asneira... de falar assim “pô... esse cara é o maior...”
pensei mil coisas... né? aí **na hora que eu descí do carro**... para olhar...
aí eu fui ver era a minha irmã... (*Corpus D&G*, língua falada, narrativa de experiência pessoal)

Nessa ocorrência, os termos *na hora* e *que* podem ser tomados como integrantes de um único bloco, com função de conector oracional, o qual relaciona temporalmente o conteúdo da oração hipotática *eu descí do carro* com à oração matriz *fui ver [era a minha irmã]*. É possível notar que o item *hora*, ao integrar o conector oracional, tende a perder seu significado particular, passando a se referir a um momento não especificado no tempo em que o falante alega ter descido do carro.

⁹ Inferenciação pragmática, ou inferência sugerida/convidada (*invited inference*), refere-se ao processo intersubjetivo em que o falante, ao utilizar uma dada expressão linguística, conta com a colaboração do ouvinte para apreender o significado pretendido (TRAUGOTT; DASHER, 2002). Em outras palavras, diz respeito à negociação de sentidos entre falante e ouvinte no processo de interação verbal.

Considerando os dados do *corpus* do PHPB, que permitem a comparação de frequência de uso das duas estruturas subesquemáticas em períodos históricos distintos, os resultados apontam para a coexistência dos padrões [SP_{TEMP} + EM + QUE + O] e [SP_{TEMP} + QUE + O], ou seja, para um estado de competição entre eles. Pelo que mostra o levantamento de dados, esses padrões convivem ao longo dos séculos XIX e XX, sem que haja predomínio de um sobre o outro. Trata-se de duas formas concorrentes, distinguindo-se, parcialmente, na estrutura e no aspecto discursivo-pragmático. Nessa direção, o padrão com preposição compõe-se de um SP com elemento de valor temporal genérico (*dia, hora, tempo, momento etc.*), seguido da preposição *em*, mais o relativo *que*, acompanhado de uma oração encaixada. Ademais, seu uso tende a ser mais frequente em contextos mais formais de produção linguística. Já o padrão sem preposição antes de *que* implica, em parte de sua estrutura, a formação de elemento conectivo que atua discursivamente na articulação de porções textuais (orações). Em termos discursivo-pragmáticos, essa estrutura tende a ser mais utilizada em situações de menor monitoramento das formas linguísticas e parece implicar uma negociação de sentido entre falante e ouvinte (inferenciação pragmática).

Ainda que não haja a substituição de uso de uma forma por outra ao longo das sincronias, constatamos maior ou menor frequência de ocorrência de cada um dos padrões em função da modalidade de língua dos textos em que ocorrem. Isso quer dizer que a opção por uma dessas estruturas parece relacionar-se às condições de produção do texto, envolvendo maior ou menor grau de formalidade.

Assim sendo, a constatação de que as duas formas linguísticas em estudo coexistem no *corpus* histórico selecionado corrobora a hipótese inicial levantada neste trabalho, que previa mudança construcional, conforme Traugott e Trousdale (2013). No caso em estudo, ocorrem mudanças na forma (ausência de *em* e neoanálise dos papéis de SP_{TEMP} e *que*), mas o sentido (função semântico-pragmática) da construção como um todo permanece, o de localizar no tempo um evento ou estado de coisas para fins de clareza. Dessa forma, não há criação de novo nó na rede construcional. Observemos, a título de exemplo, as amostras (12), repetida a seguir, e (13).

- (12) **Num dia em que não tive aula**, eu acordei cedo e fui/ ao banheiro, para escovar os dentes. Entretanto, já no banheiro,/ saiu debaixo do cesto de

roupas, uma grande aranha, marrom, horrorosa!... (*Corpus D&G*, língua escrita, narrativa de experiência pessoal)

- (13) ah... essa história... até ouvi há pouco tempo aqui no colégio mesmo... né? que um colega meu vindo... vindo pra cá... ele... ele pegou um ônibus cheio... né? aí... **no momento que ele ia soltar do ônibus**... tinha uma se/ uma senhora não... uma... uma mulher que devia... que devia ter uns trinta e poucos anos assim... ele disse... né? mas era uma... era uma se/ era uma pessoa... eh... era uma pessoa do sexo feminino negra... né? e:: forte... não era... não era bonita não... sabe? (*Corpus D&G*, língua falada, narrativa recontada)

Temos, nesses casos, a instanciação de dois subesquemas que se distinguem na forma, uma vez que em (12) há presença de *em* antes de *que*, enquanto em (13) essa preposição não aparece. No entanto, nos dois casos, os trechos em destaque apresentam a função semântico-pragmática maior de indicar quando um evento ou estado de coisas tomou lugar: em (12), *num dia em que não tive aula* localiza no tempo os eventos codificados em *eu acordei cedo e fui/ ao banheiro*; em (13), de modo análogo, a informação de que havia uma mulher negra de aproximadamente “trinta e poucos anos” é circunscrita temporalmente pelo trecho *no momento que ele ia soltar do ônibus*.

Considerando que a construção varia em grau de complexidade e em extensão e que há construções desde o morfema até estruturas oracionais complexas (GOLDBERG, 2006), é possível identificar, no caso do objeto de estudo deste artigo, construções internas com menor extensão, como [SP_{TEMP}], [EM QUE] e [O], por exemplo.

O SP_{TEMP} é formado pela preposição EM + um nome com noção de tempo (dia, hora, época, ocasião etc.); já o [EM QUE] constitui-se da preposição EM e do pronome relativo e também possui valor temporal, visto o *que* retomar o núcleo nominal de SP_{TEMP} na oração relativa de que faz parte. A passagem de [SP_{TEMP}] + [EM QUE] para [SP_{TEMP} + QUE], por meio da neoanálise de suas fronteiras sintagmáticas, conforme discutido anteriormente, resulta na criação de um bloco semântico-sintático com função de conector temporal [SP_{TEMP} + QUE]. Surge, assim, um novo pareamento forma-função (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), em que a construção resultante tem nova configuração estrutural [SP_{TEMP} + QUE], e nova função, a de conector oracional, servindo para relacionar uma oração hipotática temporal à matriz. Temos, desse modo, o processo de construcionalização.

No que diz respeito à oração O, na mudança de [SP_{TEMP} + EM + QUE + O] para [SP_{TEMP} + QUE + O], ela passa de adjetiva restritiva à hipotática temporal, ligando-se à oração matriz por meio do elemento conectivo [SP_{TEMP} + QUE]. Também ocorre, portanto, um processo de construcionalização: há alteração da forma, já que, na condição de hipotática, O inclui [SP_{TEMP}] e o elemento *que* perde suas propriedades pronominais; semanticamente, essa oração perde seu papel de modificador nominal restritivo e passa a assumir valor circunstancial de tempo. Trata-se, desse modo, de novo pareamento forma-função.

Considerações finais

Assentados em pressupostos da LFCU e em contribuições da GC, discutimos, neste artigo, usos de estruturas temporais do tipo *no/a tempo/momento/dia/hora/ocasião (em) que*. Nossos achados mostraram que essas estruturas realizam uma construção de valor temporal [SP_{TEMP} + (EM) + QUE + O], a qual licencia dois padrões subesquemáticos, distintos pela presença ou não de *em* antes do *que*. Vimos também que esses subesquemas sancionam diferentes microconstruções de acordo com a preposição e com o núcleo nominal presentes no *slot* SP_{TEMP}.

Interessaram-nos particularmente a frequência de uso dos subesquemas [SP_{TEMP} + EM + QUE + O] e [SP_{TEMP} + QUE + O] em sincronias distintas, a relação entre eles, além do processo de mudança linguística implicada nessa relação. Nessa direção, os achados da pesquisa revelaram a convivência entre as formas subesquemáticas da construção temporal sob estudo ao longo dos séculos XIX e XX nos textos do PHPB, assim como na sincronia representada pelos textos do D&G, de modo que é possível falar em formas em competição.

Considerando os dois subesquemas referidos, parece haver mudança construcional, uma vez que ocorrem alterações na forma (ausência da preposição *em* e ressegmentação das fronteiras sintagmáticas entre SP_{TEMP} e *que*), mas o sentido (função semântico-pragmática) da construção se mantém, no caso, o de localizar no tempo um evento ou estado de coisas. Contudo, levando em conta construções de extensão menor dentro da construção em análise, particularmente [SP_{TEMP}], [EM QUE] e [O], foi possível identificar, na passagem de [SP_{TEMP} + EM + QUE + O] para [SP_{TEMP} + QUE + O], dois casos de construcionalização: um envolvendo o surgimento de um elemento de conexão oracional [SP_{TEMP} + QUE];

outro resultante da passagem de uma oração [O] adjetiva restritiva para uma hipotática temporal.

Assim sendo, nossa hipótese geral de trabalho foi parcialmente corroborada, dado que, por um lado, podemos falar em mudança construcional; por outro lado, em construcionalização. Entendemos, assim, que tanto os fenômenos linguísticos quanto os processos de mudança a eles relacionados são multifacetados.

Referências

BARLOW, M.; KEMMER, S. (Eds.). *Usage based models of language*. Chicago: University of Chicago Press, 2000.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.

BYBEE, J. From usage to grammar: the mind's response to repetition. *Language*, 2006, v. 84, n. 4, p.711-733.

_____. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CROFT, W. *Explaining language change: An evolutionary approach*. Essex: Longman, 2000.

_____. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

FURTADO DA CUNHA, M. A. (Org.). *Corpus Discurso & Gramática – a língua falada e escrita na cidade de Natal*. Natal: EDUFRN, 1998.

_____.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (Orgs.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013, p. 13-39.

GARCIA, D. M. A construção *na hora que* sob a ótica da sociolinguística variacionista. *Estudos Linguísticos*, 46(1), p. 322-335, 2017.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions at work*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HALLIDAY, M. A. K. *An Introduction to Functional Grammar*. 2. ed. Londres: Edward Arnold, 1994.

ILOGTI DE SÁ, E. C. *Aconteceu em 2015 e Em 2015 il est arrivé: Ordenação dos Circunstanciadores Temporais e Aspectuais no Português e no Francês*. Tese

(Doutorado em Linguística), Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.

LONGHIN-THOMAZI, S. R. *Flutuação e gramaticalização no paradigma dos juntores em português: forma, significado e história de (na) hora que*. São Paulo: UNESP, 2011.

MARTELOTTA, M. E. *Os circunstanciadores temporais e sua ordenação: uma visão funcional*. Tese (Doutorado em Linguística), Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1993.

MOREIRA, B. de L. *A construção temporal [X_{TEMP} + (EM) + QUE + O] no português brasileiro*. 80f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem), Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN, 2016.

PEREIRA, M. H.; PAIVA, M. Da C. Estatuto sintático das orações introduzidas pelas construções (prep) + det + N temporal + (prep) + que. *Veredas*, v. 75, n. 1, p. 245-262, 2008.

PROJETO HISTÓRIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO (PHPB). Disponível em: <<https://sites.google.com/site/corporaphpb>>. Acesso em: 14 jul. 2017.

TOMASELLO, M (Ed.). *The new psychology of language*. New Jersey: Lawrence Erlbaum, v. 1, 1998.

_____. *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure*. v. 2. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2003.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. B. *Regularity in semantic change*. Cambridge: CUP, 2002.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

VOTRE, S. J.; OLIVEIRA, M. R. de. (Coords.). *A língua falada e escrita na cidade do Rio Grande: materiais para seu estudo*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995. Disponível em: <<http://www.discursoogramatica.letas.ufrj.br/>>. Acesso em: 14 jul. 2017.

Recebido em 18/11/2017

Aceito em 07/12/2017

Publicado em 20/12/2017